

BOOK REVIEW

LUZES E SOMBRAS DA TRADUÇÃO EM PORTUGAL

Marco Neves*

Universidade NOVA de Lisboa/CETAPS

Misérias e esplendores da tradução no Portugal do Estado Novo, Teresa Seruya, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2018, 350 pp, 14,50€, ISBN 9789725406236.

Teresa Seruya é um nome maior dos Estudos de Tradução em Portugal. A obra em apreço (que inclui textos com a coautoria de Maria Lin Moniz) confirma essa posição cimeira, ao apresentar um conjunto de estudos essenciais à compreensão do fenómeno da tradução em Portugal, mas também ao permitir delinear alguns dos caminhos dos Estudos de Tradução em Portugal, uma área de estudo que, como Seruya reconhece, se caracteriza pela juventude.

O tema do volume enquadra-se nos projectos de investigação dirigidos pela autora no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Universidade Católica Portuguesa: “Intercultural literature in Portugal 1930-2000: a critical bibliography” e “Tradução e censura durante o Estado Novo”. Em 2009, a autora fora já coorganizadora (em conjunto com Maria Lin Moniz e Alexandra Assis Rosa) de um volume colectivo com o título *Traduzir em Portugal durante o Estado Novo* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009). O novo livro desenvolve os temas e apresenta-nos o estado actual da investigação sobre a história da tradução durante o Estado Novo – note-se, no entanto, que o volume abrange também épocas mais recentes e estabelece princípios historiográficos válidos para o estudo da história da tradução de todas as épocas.

O livro inclui artigos publicados anteriormente ou apresentados em conferências, alguns dos quais são agora revistos e traduzidos, e está organizado numa estrutura explicitada pela autora – do geral para o particular. Inclui ainda textos de enquadramento que dão coerência ao todo.

A primeira parte da obra – “Para uma história da tradução em Portugal” – começa por um capítulo dedicado a questões metodológicas, historiográficas e filosóficas sobre a escrita de História da tradução. Uma das áreas que é particularmente iluminada por um maior investimento na História da tradução é a História literária, objecto do segundo capítulo. O estudo das traduções permite radiografar a história cultural do Estado Novo, nas suas vertentes situacionista e oposicionista.

O terceiro capítulo aborda as ideias sobre tradução em Portugal, olhando também para as décadas mais recentes. Fica demonstrado o pouco capital cultural que é atribuído

* mfneves@fcsh.unl.pt

à leitura de traduções em Portugal, bem como a imagem negativa que o trabalho dos tradutores tem entre muita da opinião publicada.

Sabendo-se como a bibliografia de Gonçalves Rodrigues (*A tradução em Portugal*, 5 vols., Lisboa: INCM e ISLA) termina em 1930, o quarto capítulo apresenta o trabalho de criação de uma bibliografia crítica sobre tradução no Portugal do Estado Novo, mostrando resultados concretos da investigação desenvolvida neste âmbito pela autora e a sua equipa.

O quinto capítulo aborda de forma mais genérica o tema da tradução durante o Estado Novo, sendo a republicação (traduzida) de um artigo anteriormente incluído no volume *Translation under Fascism* (editado por Christopher Rundle and Kate Sturge, Palgrave Macmillan, 2010, pp. 117-144).¹ Nele, Seruya tenta não só identificar como corrigir a ausência de Portugal na historiografia internacional da tradução.

No sexto capítulo, Seruya aborda não a circulação de traduções em Portugal, mas sim as traduções de textos de Salazar noutras línguas. Já o sétimo capítulo descreve as relações editoriais entre Portugal e o Brasil durante o Estado Novo. São capítulos que demonstram como a investigação sobre a tradução em Portugal se desdobra noutros temas que iluminam as complexas relações culturais entre as sociedades.

Os últimos três capítulos da primeira parte abordam as políticas que enquadram as escolhas de obras para colecções ou antologias. O oitavo capítulo analisa as colecções literárias publicadas entre os anos 40 e 70; o nono, as traduções de literatura extraeuropeia, ou melhor, a relativa ausência de traduções de literatura extraeuropeia; e o último capítulo (um artigo publicado pela primeira vez neste volume), as colecções publicadas no período imediatamente a seguir ao final do Estado Novo, entre 1974 e 1980, permitindo comparar as duas épocas.

A segunda parte – “Tradução e censura” – começa por uma pequena introdução de duas páginas, que são, no entanto, muito importantes para compreender alguns dos caminhos da investigação que se fez e que se faz em Estudos de Tradução (o que também se pode dizer das páginas introdutórias da primeira parte).

O primeiro capítulo cartografa a coexistência da planificação da cultura nacional e da publicação de literatura internacional, particularmente durante a década de 40, que circulava à margem da dita planificação, mas sujeita à censura.

O segundo capítulo analisa o discurso da censura nos relatórios de aprovação ou rejeição de publicações. Seruya mostra como os termos escolhidos pelos censores para descrever as obras iluminam os pressupostos ideológicos da censura. O capítulo oferece ainda dados quantitativos muito relevantes para conhecer a cultura literária do Portugal do Estado Novo.

O terceiro capítulo mostra como os testemunhos da Guerra Civil de Espanha foram filtrados pela censura. Um exemplo de factos esclarecedores apresentados no capítulo é a decisão censória perante um livro sobre a perseguição dos católicos bascos: *Le cas des*

¹ Este artigo é objecto de recensão por Bárbara Oliveira neste número.

catholiques basques, de J. de Hiriartia, acabou por ser proibido, percebendo-se como a defesa do nacionalismo franquista, considerado equivalente ao nacionalismo português na base do Estado Novo, sobrepunha-se à possível solidariedade com os católicos bascos. Esta decisão é um indício de uma hierarquia ideológica em que os valores religiosos se subordinam aos valores nacionalistas.

O quarto capítulo aborda, de forma particular, a actuação da censura perante obras escritas por mulheres sobre a Guerra Civil Espanhola. O capítulo seguinte faz também uma análise particular, desta feita, das traduções de obras de Bertold Brecht, enquanto o capítulo sexto aborda as obras de Simone de Beauvoir.

A segunda parte do livro termina com um estudo sobre a eficácia (ou falta dela) da actuação da censura em Portugal.

Uma palavra de apreço para a cuidada bibliografia final e ainda para a lista de obras de Seruya, que permite conhecer o percurso da autora no âmbito dos Estudos de Tradução em Portugal.

Os textos publicados no volume caracterizam-se por uma sólida fundamentação, tanto na argumentação como nos dados apresentados. Sublinhe-se ainda a escrita clara e rigorosa. Note-se que alguns destes artigos foram apresentados em eventos de outras áreas de estudo. A sua solidez argumentativa e os dados apresentados são, assim, um contributo inestimável para a divulgação do conhecimento sobre tradução entre especialistas de outras áreas, que tenderão, muitas vezes, a desvalorizar o trabalho deste campo de estudo recente. Se os Estudos de Tradução se caracterizam, pela sua própria natureza, por uma forte interdisciplinaridade, muitas outras áreas de estudo ganhariam em dar mais atenção aos resultados das investigações em tradução.

A tradução enquanto actividade profissional aproxima culturas e línguas diferentes – já a investigação em História da tradução ajuda-nos a compreender o nosso próprio país e a sua complexa relação com o Outro. Seruya pergunta: “como começar a escrever a história da tradução em Portugal?” (p. 18). Este volume mostra que essa história já começou a ser escrita e que o trabalho já realizado pela autora (e não só) é uma base sólida e fecunda para investigações futuras.

Sobre o autor: Marco Neves é docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e investigador do CETAPS. É tradutor, gestor de projectos e autor de livros na área das línguas e cultura. É doutorado em Estudos de Tradução.